

# humanitas

Vol. XXIŽJ J ;;

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XXI E XXII



COIMBRA  
MCMLXIX-LXX



pois o hexâmetro dactílico não é próprio deste género literário, e que, por exemplo, o texto poderia estar integrado na narrativa do regresso de Éolo.

É muito interessante o simbolismo do arco que propõe em relação ao paralelo do *Philocteta* de Ácio com a *Eneida* IX, 622 seqq., dizendo que, assim como Tróia só poderia ser conquistada pelo arco de Filoctetes, também um arco (o de Ascânio) contribuiria para fundar Roma.

Tendo verificado que Virgílio imitou passos de algumas tragédias de Ácio a que Varrão e Cícero não tinham aludido, conclui com clarividência que o poeta deve ter feito pesquisas pessoais sobre esta peças, quando se preparava para empreender a *Eneida*.

Para concluir, diremos que dentro das limitações impostas pelo tema e salvo algumas incongruências flagrantes, a presente obra tem o mérito de tentar descobrir e classificar os nexos existentes entre a tragédia latina e a epopeia de Virgílio.

A fechar a obra, depois de uma bibliografia seleccionada, o A. apresenta um *Index Auctorum et Locorum* muito útil e bem elaborado.

ANA PAULA QUINTELA FERREIRA SOTTOMAYOR

**AESCHYLUS: The Suppliants.** Volume I. The text with introduction, critical apparatus and translation by H. FRIIS JOHANSEN. The Scholia with introduction and critical apparatus by OLE SMITH. *Classica et Mediaevalia — Dissertationes VII. I Kommissionos Gyl-dendalske Boghandel, Nordisk Forlag. Kobenhavn, 1970, 171 pp.*

Dedicado à memória de Eduard Fraenkel veio a lume em 1970 o volume I desta meritória edição de *As Suplicantes* de Ésquilo. Friis Johansen, na impossibilidade de publicar na mesma altura o comentário, decidiu dar à estampa este volume, que, depois de uma apreciável introdução, contém, a par do texto por ele estabelecido, acompanhado de um extenso e escrupuloso aparato crítico, a tradução da peça em língua inglesa.

Na Introdução, Johansen começa por apresentar uma minuciosa e acurada história da transmissão do texto, analisando, por um lado, os erros e variantes dos manuscritos e propondo, por outro, um *stemma codicum*. Expõe, em seguida, os princípios que o nortearam no estabelecimento do texto. Uma bibliografia seleccionada de edições, de livros e de artigos, uma lista de siglas e de abreviaturas e a didascália do papiro de Oxirrincos XX, 2256,3 encerram este capítulo.

Com esta recensão crítica, pretendemos prestar também o nosso pequeno contributo para a análise de uma peça tão fértil em problemas, satisfazendo, assim, o desejo manifestado por Johansen, no prefácio («I expect to derive one great advan-

tage: namely that of being able to turn to account in the commentary the criticism which I hope that my text will provoke»). É claro que — parafraseando — também nós conhecemos «the difference between Apollo and Marsyas».

Faremos, em primeiro lugar, algumas reflexões sobre o texto:

v. 8 — Johansen rejeita a lição de Bamberger *ἀλλ' αὐτογενεῖ φουξανορίαι*, preferindo a leitura *ἀλλ' αὐτογενῆ φουξανορίαν*, que combina a emenda de Turnebus (*αὐτογενῆ*) com a de Ahrens (*φουξανορίαν*). Sintáctica e semanticamente julgamos mais aceitável a proposta de Bamberger, pois tem a vantagem de contrapor a expressão em dativo *αὐτογενεῖ φουξανορίαι* ao dativo *ψῆφωι*, sublinhando, portanto, estes versos o facto de não terem as Danaides deixado o seu país por causa do voto do povo, mas sim pelo espontâneo — segundo as mais recentes interpretações — desejo de fugirem aos filhos de Egipto. Aliás, a tradução de Johansen está de acordo com este entendimento: «not because we have been exiled by the people on the score of bloodshed, convicted by the citizens' vote, but because we have fled before men by our own act».

vv. 60-62 — Com a leitura *τᾶς Τηρεΐας μήτιδος οἰκτρᾶς ἀλόχου, κικηλάτας Ἀηδόνας* — tão perspicua que nos leva a abandonar a de Wilamowitz, que até agora vínhamos seguindo — o A. toma posição na controvérsia que estes versos têm provocado. Concluímos que admite a versão da lenda que faz de Édona, mais tarde metamorfoseada em rouxinol, a esposa de Tereu. É esta mesma variante que encontramos no *Agamémnon* de Ésquilo, onde (v. 1145) o coro compara o canto doloroso de Cassandra à melodia do rouxinol que não se cansa de chamar por Ítis, seu filho. Aliás, esta interpretação é apoiada pela própria colocação das palavras na frase, com a expressão *μήτιδος οἰκτρᾶς*, em enclave, como qualificativa de *Τηρεΐας ἀλόχου*, significando, portanto, esta expressão: «da esposa de Tereu de lastimoso desígnio». É psicológicamente mais admissível esta versão da lenda do que aquela que Wilamowitz aceita e para a qual dá a seguinte explicação: «Terei uxor est Metis (e gente Attica Metionidarum), paelex Aedona; illa in hirundinem mutata est, ipse in accipitrem, paelex autem filium suum interfecit». Ao atribuir a Édona simultaneamente o papel de amante de Tereu e de assassina de seu próprio filho, Wilamowitz torna o mito menos inteligível. Compreendemos melhor que seja a esposa de Tereu — e não a amante — a matar o filho, movida pelo ciúme (cf. o mito de Medeia, onde Eurípides, mestre do drama psicológico, parece ter introduzido o tema do assassinio dos filhos como vingança da infidelidade do marido).

Não deixa de ser engenhosa a explicação dada por Wilamowitz para o facto de o coro provavelmente se referir não só a Métide (a andorinha) mas também a Édona (o rouxinol): «barbarae mulieres Graeco cantu tam lugubria quam luscinia, tam stridula quam hirundo cantant». Na verdade, muitos exemplos há de comparação da voz dos bárbaros ao chilrear das andorinhas (*Agamémnon*, 1050-1051, a propósito da voz de Cassandra, Aristófanes *Rãs*, 682 a respeito do falar dum mensageiro e o fragmento 450 Nauck<sup>2</sup> de Ésquilo, onde *χελιδονίζειν* aparece como sinónimo de *βαρβαρίζειν*). Mas tal não basta para que seja forçoso pensar-se que Ésquilo, neste passo de *As Suplicantes*, não possa deixar de referir-se àquela (seja qual for o seu nome), que, no mito de Tereu, foi metamorfoseada em andorinha.

Creemos que o v. 69 (para o qual aceita a emenda de Heath *καὶ ἐργὸ φιλόδουτος*) prova que, à semelhança do que acontece no v. 1145 do *Agamémnon*, interessava mais ao poeta, nesta altura, frisar o tom plangente da voz das Danaides do que a sua xenofonia.

Por outro lado, o texto de Johansen parece-nos melhor do que aquele que apresenta o Professor Fraenkel, que considera *κικηλάτας ἀηδόνας* como apostrofo a *Μήτιδος*. A emenda *Ἀηδόνας* (mais próxima de M e de E, onde surge a forma *ἀηδονης*) tem a dupla vantagem de relacionar, por etimologia popular, o nome desta personagem mitológica com o do rouxinol e a de evitar o antropónimo *Μῆτις*, que levanta sérias dificuldades.

v. 71 — Numa constante tentativa de aproximação de M, Johansen não aceita a emenda de Bothe de *Νειλοθερῆ* para *εἰλοθερῆ*, o que, de resto, não traz grande alteração ao entendimento do texto, pois, de um modo ou do outro, o coro faz referência ao seu aspecto físico exótico.

vv. 79-82 — Seguindo a emenda de Schütz, Johansen lê estes versos do seguinte modo: *ἦβαν μὴ τέλεον δόντες ἔχειν παρ' αἴσαν, | ἕβρων δ' ἐτόμως στυγόντες, | πέλοιτ' ἂν ἔνδικοι ἴγάμοις*†. É forçada e bastante discutível a tradução que apresenta: «if you do not act contrary to fate by giving Youth away as a possession established by the rites (of marriage) but truly abhor Insolence, then you might be righteous ..... ». Preferimos a lição de Wilamowitz *εἰ καὶ μὴ τέλεον δόντες ἔχειν παρ' αἴσαν, | ἕβρων γ' ἐτόμως στυγοῦντες, | πέλοιτ' ἂν ἔνδικοι νόμοις*, que ele próprio traduz assim: «si plene satisfacere nobis fatum uos uetat, exosi certe uiolentiam Aegyptidarum leges uestras (i. e. iustitiam diuinitus constitutam) exequimini». Creemos que esta interpretação segue a mesma linha de pensamento dos vv. 1070-1074, nos quais as Danaides manifestam o desejo de obterem ao menos dois terços da felicidade, já que a ventura completa seria o facto de tudo se resolver em paz, e anseiam por que as sentenças dos homens acompanhem a justiça divina.

vv. 86-88 — Não concordamos com o ininteligível texto que Johansen apresenta, na esteira de Heath, pois é nossa convicção que estes versos podem ser postos em paralelo com a expressão do v. 160 do *Agamémnon* — *Ζεὺς ὅστις ποτ' ἔστιν*—. Por isso, parece-nos preferível a emenda proposta por Wilamowitz: *εὖ θεῖη Διός, εἰ παναλῆ | θῶς Διός, ἡμερος*.

v. 209 — Surpreendeu-nos que, neste ponto, insólitamente, Johansen se tenha desviado de M, propondo uma emenda que julgamos desnecessária. Concordamos com a lacuna por ele proposta, já que a frase, tal como se apresenta, não é sintacticamente muito compreensível, mas, em contrapartida, não vemos necessidade de mudar *κόπων* (de M) para *σκοπῶν*, pois o texto pode interpretar-se como: «Zeus, apieda-te dos nossos sofrimentos», se entendermos *κόπων* como *genetiuis rei* da forma verbal *ὄκτιρε*.

v. 308 — A emenda de Hermann (*Ἰνάχον πέλας*) parece-nos preferível ao texto apresentado por Johansen. De facto, o verso *οἷστρον καλοῦσαν αὐτὸν οἱ Νεῖλον πέλας* só é atribuível ao coro e o A., para não quebrar a esticomitia, vê-se obrigado a pressupor uma lacuna antes deste verso, o que não julgamos acertado, pois é óbvio que o v. 308 é a réplica ao anterior. De resto, a palavra *οἷστρος* (que já surge na *Odisséia*, XXII, 300) era de origem grega e, por isso, nunca seria usada por Êsquilo como designação especial do tavão no Egipto.

vv. 354-355 — A leitura de Johansen, como seria de esperar, segue M: *νέον θ' ὄμιλον τὸν τ' ἀγωνίων θεῶν*, mas apresenta o grande inconveniente de, decorrido já

tão grande número de versos (a entrada de Pelasgo em cena sucede no v. 234), o rei argivo dizer que vê junto do altar dos Deuses em Assembléa uma multidão *nova*. Melhor nos parece a emenda de Bamberger (*νεύονθ' ὄμιλον τόνδ' ἀγωνίων θεῶν*), aceita por Wilamowitz, que explica: «*ipsi dei annuere (receptis supplicibus) uidentur nutantibus ramis*».

v. 514 — Pouco convictamente (pois considera a expressão *ἀει δ' ἀνάκτων* como uma «*crux*»), Johansen segue M, rejeitando, entre outras, propostas bastante aceitáveis como a de Wilamowitz *ἀει δ' ἄπρακτον ἐστὶν δεῖμ' ἐξαισίον* e a de Martin West *ἀει δ' ἐπακτῶν ἐστὶν δεῖμ' ἐξαισίον*.

v. 744 — De entre as várias conjecturas apresentadas para este verso, Johansen adopta a de Weil, chamando à colação o adjectivo *ἐπίκοτος* do v. 786 de *Sete contra Tebas*. Acrescentaremos que esta leitura nos parece bastante admissível até por comparação com a expressão *ταχυπόμοισι διωγμοῖς* do v. 1046.

v. 854 — Johansen rejeita, por motivos de métrica, a emenda de Butler *μήποτε πάλιν ἴδοιμ'*, preferindo-lhe o texto *μήποτε πάλιν ἴδοις*. Embora os versos 1018 e 1025 possam apoiar a emenda de Butler (pois naquele as Danaides glorificam o Erasino e neste exprimem o desejo de nunca mais honrarem com hinos as bocas do Nilo), no entanto, conforme nos foi sugerido pela Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, o texto de Johansen tem a vantagem de adoptar uma 2.<sup>a</sup> pessoa do singular mais concorde com as formas *διώλου* (v. 846) e *ὄλοιο* (v. 867), constituindo, por conseguinte, estas estrofes numa série de três imprecações que as Danaides lançam sobre seus primos.

Quanto à tradução, que, conforme o A. indica «has been corrected by two native Englishmen», começamos por declarar que, por não sentirmos aptidão para tanto, não nos pronunciaremos sobre as suas qualidades estilísticas. Limitar-nos-emos a tecer algumas considerações sobre passos em que Johansen dá ao texto uma interpretação peculiar:

v. 75 — Johansen traduz *Ἀερίας ἀπὸ γᾶς* por «from the land of Aeria», tomando portanto, *Ἀερία* como nome próprio. O *Etymologicum Magnum* apresenta como razão deste nome o facto de parecer a quem navega para o Egipto que a terra se esconde por detrás de um monte de névoas, pois se encontra abaixo do nível do mar. O escoliasta dá a explicação de que a terra é negra, o que — sabemos — é devido às aluviões. Cremos que o vocábulo *ἀερία* pode bem ser tomado como adjectivo (como faz, por exemplo, Weir Smith, ao traduzir a expressão por «from the haze-shrouded land»), pois nesta fala talvez esteja implícita a relação desta terra odiosa para as Danaides com o Hades, que na *Iliada* XX. 191 é apelidado de *ἠερόεις*.

vv. 122-123 — É equívoca a tradução quase literal que Johansen apresenta para estes versos («But when things are well, wherever Death is absent, the ceremonies run towards the gods with a pollution in them»). Num artigo intitulado «Progymnasmata» (C & M XXVII, pp. 44-47), o A. esclarece o seu ponto de vista: as Danaides, por entoarem aquele treno sobre si próprias, ainda em vida, podem contrair um *ἄγος*. No entanto, por lhe faltarem provas de que tal era a concepção religiosa dos Gregos no século v a.C., Johansen apresenta, com certa hesitação, esta sua hipótese. Inclina-mos mais para a interpretação de Itálie (*Index Aeschyleus*, s. v. *ἐναγής*), apesar de Johansen a considerar «intolerably harsh»; «sacra uel uota, quibus neglectis *ἄγος* contrahitur». Cremos que o coro alude a sacrificios que, se não forem bem executados, atraem a poluição, pois encerram um *ἄγος* em potência.

v. 1022 — Johansen traduz *ῥπαδοί* por «men of the bodyguard», admitindo como coro subsidiário, a partir do v. 1034, um coro de guardas argivos. Julgamos preferível a atribuição destes versos a um coro de escravas, o que está de acordo com os vv. 954-955 e 977-979. Nos primeiros (em que também Johansen traduz *ῥπάων* — que, provavelmente, tem o mesmo radical de *ῥπαδός* — por «Handmaid»), Pelasgo pede às Danaides que se dirijam para a cidade na companhia das suas aias, o que não deve ser mais do que a indicação cénica de que o êxodo será partilhado pelo coro das Suplicantes e pelo coro das escravas. Nos segundos, as Danaides ordenam às aias que se postem conforme a maneira como Dâno ofereceu a cada uma delas uma escrava em dote, o que parece também indicar que estas constituirão o coro subsidiário.

vv. 1054 e 1055 — O facto de Johansen admitir como coro secundário o corpo de guardas argivos fez com que apresentasse para estes dois versos uma tradução que julgamos pouco aceitável:

«v. 1054 — *Bodyguard*. Marriage would indeed be best.

«v. 1055 — *Danaids*. The one you would enchant is not to be enchanted.»

Embora a tradução do primeiro destes versos (*τὸ μὲν ἄν βέλτατον εἶη*) possa gramaticalmente ser aquela que Johansen apresenta, julgamos preferível entendê-lo como: «O melhor seria isso (= evitar o casamento com os filhos do Egipto)». Esta é a interpretação de Wilamowitz: «esset quidem optimum». Em nossa opinião, as Danaides contrapõem a esta fala a expressão do desejo irrealizável de aplacar quem é implacável, fazendo assim uma clara alusão aos filhos do Egipto, que, em vários passos, são comparados a animais selvagens, não sendo, portanto, estes versos, uma manifestação explícita de misandria por parte das filhas de Dâno.

A terminar este volume, encontra-se uma edição dos escólios da peça elaborada por Ole Smith com base no *Laurentianus Mediceus*, precedida de uma breve e bem elaborada introdução e de uma lista de siglas e abreviaturas.

ANA PAULA QUINTELA FERREIRA SOTTOMAYOR

ANTONIO DELL'ERA, *Appunti sulla tradizione manoscritta degli inni de Sinesio*, Roma, Edizioni di Storia e Letteratura, 1968. 116 pp.  
**Sinesio di Cirene: Inni.** Prefazione, testo critico e traduzione di ANTONIO DELL'ERA, Roma, Tumminelli, 1968. 238 pp.

Dos estudos de Antonio Dell'Era sobre os *Hinos* de Sinésio surgiram os dois livros acima referidos, sendo o segundo uma edição crítica com tradução italiana dos *Hinos* e o primeiro um conjunto de artigos, alguns deles publicados já em revistas (cfr. p. IX) que a preparação daquela suscitou. Agora «rielaborati tutti e rivisti alla luce anche di quella più completa esperienza dei manoscritti che ha portato alla mia edizione critica», coligiu-os juntamente com outros pela primeira vez dados a lume.